



O Ensino de Matemática no Ensino Médio: Estratégias de Adaptação Curricular para uma Aluna com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno Opositor Desafiante (TOD)

Silvio Luiz Martins Britto¹
Malcus Cassiano Kuhn²

Resumo do relato: Este relato detalha a inclusão de uma aluna com Transtorno do Espectro Autista e Transtorno Opositor Desafiante, no 2º ano do Ensino Médio do Centro Sinodal Dorothea Schäfke, de Taquara, Rio Grande do Sul. Fundamentada na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência e na aprendizagem em espiral, as atividades pedagógicas com a aluna priorizaram materiais concretos e visuais, para superar as dificuldades de abstração. As atividades de Matemática revelaram progresso significativo nas diversas atividades sugeridas, tais como em resolução de problemas, geometria, análise e interpretação de gráficos e operações com o sistema monetário. A avaliação final indica que a maioria das competências foi atingida, validando a adaptação curricular realizada. Contudo, observou-se um esgotamento emocional da estudante no terceiro trimestre letivo, associado à exaustiva rotina de seis horas diárias de aulas e às especificidades dos transtornos. Este estudo de caso reforça que o plano de ensino individualizado, com estratégias personalizadas, é essencial para garantir não apenas o acesso, mas a permanência e o desenvolvimento efetivo da aluna.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Transtorno do Espectro Autista; Transtorno Opositor Desafiante; Ensino de Matemática; Aprendizagem em Espiral.

Introdução

O presente relato se refere ao caso de uma aluna do Centro Sinodal de Ensino Médio Dorothea Schafke, com sede em Taquara, Rio Grande do Sul (RS), diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno Opositor Desafiante (TOD). De acordo com estudos realizados por Nunes, Azevedo e Schmidt (2013), a presença de alunos com TEA e TOD, em escolas regulares, aumentou de forma expressiva após a popularização do paradigma da inclusão. Por outro lado, observa-se que o desconhecimento sobre esses transtornos e a carência de estratégias pedagógicas específicas pode acarretar poucos efeitos na aprendizagem desses alunos.

¹ Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT/Taquara/RS, silvio@dorothea.com.br

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IF Sul Câmpus Lajeado/RS, malcuskuhn@ifsul.edu.br



No Brasil, a principal legislação que garante a inclusão de alunos com necessidades especiais tanto em escolas públicas quanto em escolas privadas é a Lei nº 13.146/2015, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) ou Estatuto da Pessoa com Deficiência. Com essa lei, rompe-se com o modelo antigo de escolas especiais separadas e determina-se que o lugar do aluno com deficiência é na classe comum do ensino regular, com os apoios necessários. Com isso, a cada ano, verifica-se um aumento no ingresso de alunos amparados por essa lei, tanto em escolas públicas, quanto em escolas privadas.

Nesse contexto, com esse relato se objetiva socializar a trajetória de uma aluna diagnosticada com TEA e TOD, no 2º ano do Ensino Médio do Centro Sinodal de Ensino Médio, em Taquara, RS, no componente curricular de Matemática, no ano de 2025. Após esta introdução, abordam-se alguns aspectos teóricos relacionados ao TEA e ao TOD, a trajetória acadêmica da aluna na Instituição, com um olhar especial para a disciplina de Matemática, quanto a estratégias e adaptações do currículo, além das considerações finais da experiência vivenciada.

Transtorno de Espectro Autista e Transtorno Opositor Desafiante

O TEA é definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico, que deve estar presente desde a infância, apresentando déficits nas dimensões sociocomunicativa e comportamental do indivíduo (APA, 2013). Essas características podem favorecer o isolamento da pessoa, empobrecendo, ainda mais, suas habilidades comunicativas, ao que a literatura é unânime em indicar diagnóstico e intervenção precoce (Brasil, 2014). No ensino da Matemática, o TEA se manifesta de modo singular, pois alguns alunos apresentam facilidade com cálculos, já em outros casos, há dificuldades em relação à interpretação.

Já o TOD se caracteriza por um padrão persistente de humor irritável, comportamento desafiador e índole vingativa, conforme definido pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA, 2013). No cenário do



Ensino Médio, tal transtorno impõe desafios ao processo de inclusão, uma vez que a barreira ao aprendizado não reside, necessariamente, na cognição, mas na regulação emocional e na resistência ativa às figuras de autoridade e às normas escolares. Em relação ao ensino de Matemática, o TOD pode se manifestar com uma baixa tolerância à frustração diante de conteúdos abstratos ou erros operacionais. Embora sendo condições distintas, com origens e características diferentes, é muito comum que eles ocorram juntos.

Serra (2008) aponta a necessidade de uma reformulação das políticas públicas de educação para garantir não somente o acesso, mas também a permanência dos estudantes na escola comum, conforme preconizado pela Lei no 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012). Conforme Nunes, Azevedo e Schmidt (2013), para que uma escola atenda adequadamente as necessidades educacionais de seus alunos, é necessária a formação que contemple a tríade reflexão-ação-crítica, dos professores envolvidos diretamente nesse processo. Logo, a prática deixa de ser um campo de aplicação para se tornar um campo de investigação, através de um contato maior com a realidade escolar.

Recursos de tecnologia assistiva, flexibilizações e adaptações curriculares e a criteriosa elaboração dos relatórios de avaliação despontam como práticas promissoras no processo de escolarização. Nunes, Azevedo e Schmidt (2013), apontam o uso de planos de ensino capazes de atender às demandas educacionais dos alunos com algum transtorno. Assim, ganha notoriedade o uso do Plano de Ensino Individualizado (PEI), descrito como uma ferramenta de trabalho que norteia as ações pedagógicas do professor e das atividades escolares do estudante (Brasil, 2015).

O PEI é um direito assegurado por lei no Brasil para alunos com deficiência, TEA, TOD e outras necessidades educacionais específicas, garantindo ensino personalizado, métodos adaptados e avaliação contínua (Brasil, 2015). Ele deve ser construído com base em estudo de caso, identificando barreiras de aprendizagem, potencialidades e demandas de apoio. Inclui métodos



de ensino, materiais adaptados e estratégias de comunicação personalizadas, de acordo com as especificidades do estudante. Por ser um documento dinâmico, o PEI requer monitoramento regular para acompanhar o progresso do estudante. Dessa forma, o PEI visa promover uma educação inclusiva, justa e de qualidade, garantindo que o aluno desenvolva todo o seu potencial.

Nesse sentido, as instituições de ensino se constituem como um recurso fundamental para enriquecer as experiências sociais das pessoas com TEA e TOD, oportunizando a interação entre pares e contribuindo para o desenvolvimento de novas aprendizagens e comportamentos, conforme relatado na próxima seção.

A Trajetória da Estudante na Instituição: um olhar para a Matemática

O Centro Sinodal de Ensino Médio Dorothea Schafke, localizado em Taquara, RS, é uma das mais tradicionais instituições de ensino privado do Vale do Paranhana, que compreende os municípios de Taquara, Igrejinha, Três Coroas, Parobé, Riozinho e Rolante. O Dorothea é uma escola privada de confissão luterana, com cerca de 350 alunos, distribuídos em turmas de Educação Infantil ao Ensino Médio, e que faz parte da Rede Sinodal de Educação, órgão responsável na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

Desde o início dos anos 2000, o Dorothea vem desenvolvendo um trabalho de referência em relação a inclusão no Vale do Paranhana. Uma rede de apoio, envolvendo profissionais da saúde (psicólogo e psicopedagogo), família e comunidade escolar, foi estruturada para atender esses alunos. Vale ressaltar que não existe receita pronta para atender as necessidades desses estudantes. Mediante o diagnóstico feito inicialmente pelos profissionais da saúde, coordenadores e professores é possível delinear estratégias e metodologias adequadas para cada aluno, respeitando laudos e limitações, objetivando mantê-



lo na escola e trabalhando para que ele possa crescer em todas as suas dimensões, norteadas pelos princípios presentes na filosofia da escola.

Nas duas primeiras décadas do século XXI, o Dorothea já atendeu inúmeros e diferentes casos de inclusão (pequeno ou grande porte), sendo que alguns necessitavam a presença de professor auxiliar, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, para dar suporte a esse aluno.

No ano de 2025, a turma 221 do Centro Sinodal de Ensino Médio Dorothea Schafke era constituída de 22 alunos, sendo nove meninos e treze meninas. Nesse universo, encontra-se uma estudante com TAE e TOD, considerada um caso de inclusão de grande porte, conforme orientações da psicopedagoga da Instituição.

A turma 221 se trata de um grupo de classe média alta de diferentes cidades da região do Vale do Paranhana. Estão juntos, em sua maioria, desde os primeiros anos do Ensino Fundamental. Há um cuidado, principalmente das meninas com a “Belinha”, pseudônimo como ela é carinhosamente chamada. Esse cuidado vai além das atividades de sala de aula, estendendo-se, principalmente, para momentos em que ela altera seu comportamento, pois desde o segundo semestre de 2023, por orientação da psicopedagoga, ela não tem mais um professor auxiliar. Segundo essa profissional, é necessário construir com a aluna a sua autonomia, pois após o ano letivo 2026 não vai estar mais numa escola de educação básica.

Ressalta-se que, mesmo estando juntos por vários anos, observaram-se casos de colegas que questionam a presença da aluna, principalmente, em razão da quebra de sequência das aulas, para atendimento pelo professor ou por colegas devido a questão comportamental da estudante (APA, 2013). Esse fato é apontado por Zardo (2012), quando destaca que o foco está direcionado a produtividade profissional e intelectual, sendo que no ensino privado isso se verifica de forma mais intensa, devido às expectativas e investimentos das famílias em resultados de avaliações externas.



O Quadro 1 apresenta as percepções e orientações do profissional que atende a Belinha. Uma aluna com 18 anos, completados em 2025, de origem alemã, filha única de uma tradicional família do município de Três Coroas, RS.

Quadro 1. Laudo e orientações gerais segundo a Psicopedagoga

Laudo	Orientações gerais
Transtorno Espectro Autista e Transtorno Opositor Desafiante. Necessidade de adaptação metodológica, curricular e avaliativa de grande porte.	A Belinha não consegue, muitas vezes, administrar seu emocional quando contrariada, em especial, quando não consegue realizar determinada atividade por ter uma demanda mental excessiva. Apresenta dificuldade na abstração, necessita do concreto e visível, pois apresenta capacidade simbólica limitada. No segundo semestre do ano de 2023, apresentou interesse por ficar sem a monitora, no momento está demonstrando maior autonomia e conseguindo ficar sem auxílio. Para a realização de testes e provas, pode contar com ajuda, se necessário. Os materiais e textos disponibilizados devem ser diretos e objetivos, assim como as avaliações. Recomenda-se o uso, com frequência, de material concreto e visual. Como estímulo, as atitudes e os resultados positivos devem ser reforçados.

Fonte: Arquivos da escola (2025).

De posse desse laudo, a profissional da escola, responsável pelo atendimento de todos os casos de inclusão, no início de cada ano letivo, agenda horários com as famílias e, posteriormente, com professores de cada disciplina, em conjunto organizam estratégias e conteúdos que serão trabalhados e muitas adaptações curriculares (Brasil, 2015), não somente em Matemática, mas em todos os componentes do currículo. O Quadro 2 apresenta estratégias e orientações trabalhadas em Matemática, no ano letivo de 2025.

Quadro 2. Objetivos e estratégias em Matemática

Objetivos: Capacitar o aluno a desenvolver o pensamento lógico, espacial, abstrata e ferramentas tecnológicas, permitindo-lhe resolver problemas simples do cotidiano relacionando a outras áreas do conhecimento e o seu cotidiano, utilizando diferentes estratégias, tais como gráficos, tabelas, imagens, calculadora, computadores, entre outros recursos, flexibilizado os conteúdos e objetivos. Estratégias: - Intensificar e trabalhar de modo concreto. Trabalhar com material específico, prático, sucinto, direto e objetivo. Quando o professor julgar pertinente,



trabalhar atividades sugeridas pelo SAS³.

- Quando possível, evitar fornecer material com muitas informações e teoria.
- Priorizar material visual, de modo concreto (gráficos, tabelas, imagens – que a figura fale por si) de aplicação direta, que permita interpretações e que relacione o conteúdo estudado.
- A aluna permanecerá nos períodos de Matemática em sala com os demais colegas, desenvolvendo as atividades com os demais colegas (atividades em grupos) ou com o professor, em outros momentos, em outros espaços da escola junto à monitora, laboratório de aprendizagem, sala maker.
- A aluna gosta muito de Matemática, sugere-se que o professor vá ao encontro da aluna na construção dos conceitos, explicações, para que ela não se desmotive e siga em processo e progresso.
- Adequar o tempo das atividades, propor aulas estruturadas, revisar combinações, simplificar orientações, apoiar a participação da estudante, promover avaliações seriadas, evitar excesso de estímulo, dividir as atividades em partes menores.

Fonte: Arquivos da escola (2025).

Além dos objetivos e estratégias, fica definido no início do ano letivo, juntamente com a equipe pedagógica da escola (psicólogo, psicopedagogo, professor responsável pelos casos de inclusão e professor de cada disciplina), os conteúdos que serão trabalhados durante o ano letivo. Na sequência, apresentam-se os conteúdos, atividades e avaliações da aluna ao final do terceiro trimestre letivo de 2025.

Atividades desenvolvidas e avaliação da aluna

Nessa sessão são apresentadas algumas atividades, conteúdos trabalhados e avaliação da aluna. Em relação aos conteúdos, em 2025, foram trabalhados conjuntos numéricos (naturais e racionais), geometria, sistema monetário, análise e interpretação de gráficos e tabelas.

Ressalta-se que os mesmos conteúdos foram trabalhados nos três trimestres letivos, optando-se por uma abordagem em espiral. Dessa forma, os conteúdos foram revisitados ao longo dos três trimestres, aumentando a complexidade e a profundidade a cada retorno, além de verificar se esses

³ O SAS educação (anteriormente sistema Ari de Sá) é uma plataforma de educação e sistema de ensino voltado para escolas parceiras no Brasil, oferecendo soluções integradas do ensino infantil ao ensino médio.



conteúdos foram consolidados pela aluna. A Figura 1 traz uma atividade da aluna, com identificação e cálculo de uma combinação simples.

Figura 1. Identificar e calcular combinações simples

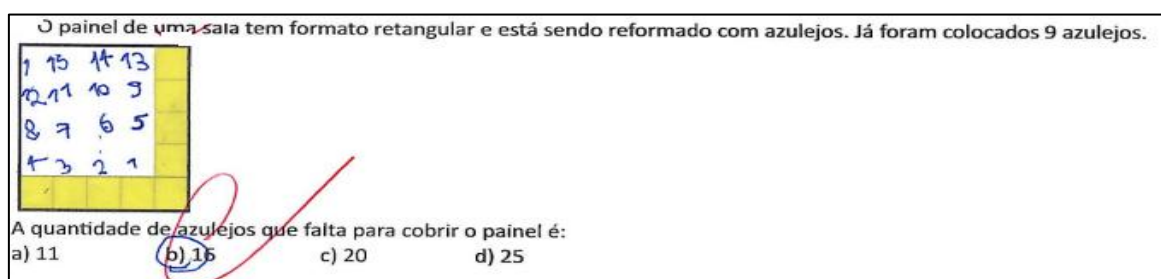


Fonte: Arquivos da escola (2025).

O excerto ilustrado na Figura 1 traz uma atividade que foi desenvolvida em grupos com participação da Belinha. Observa-se que a aluna não parou apenas no desenho. No canto direito observam-se registros de operações aritméticas, identificando o número de elementos e, posteriormente, a operação de multiplicação ($3 \times 2 = 6$), concluindo corretamente a atividade e revelando que entende a estrutura da multiplicação na vertical. Isso permite afirmar que ela domina o princípio multiplicativo, consegue traduzir uma situação problema, inicialmente visual, para uma sentença matemática. Ressalta-se ainda que a aluna apresenta uma caligrafia legível, utilizando caracteres em caixa alta.

Na atividade apresentada na Figura 2, o foco central é a ideia intuitiva de área, além do reconhecimento de formas, exercitando-se a visualização de propriedades geométricas e preenchendo uma superfície plana delimitada por contornos.

Figura 2. Iniciação do conceito de área com malhas quadriculadas



Fonte: Arquivos da escola (2025).



Pela atividade, observou-se que a aluna optou por desenhar os números dentro dos espaços vazios e, posteriormente, contar um a um, construindo um fator de segurança, para depois definir a quantidade correta que faltava no painel. Ressalta-se que ela numera os azulejos de baixo para cima e da direita para a esquerda e que cada quadrado vazio deveria conter um número, obtendo corretamente o resultado final. Verifica-se que ela não apenas marca a resposta correta, mas registra o processo escolhido mostrando o caminho do pensamento.

Já a atividade ilustrada na Figura 3 apresenta uma situação problema que envolve o sistema monetário e operações sucessivas, com aplicação prática de conceitos matemáticos no dia a dia. Cabia a ela interpretar o enunciado, organizar os dados e definir o troco.

Figura 3. Situação problema com sistema monetário

9- Pensando em costurar seu próprio vestido de caipira, Rosa comprou 2 metros de tricoline estampada que custava R\$18,00 cada metro, um rolo de linha que custava R\$6,00 e três rolos de fita colorida que custavam R\$4,00 cada um. Para o pagamento, ela usou 3 notas de 20 reais. Quanto Rosa recebeu de troco?



$$\begin{array}{r}
 18 \\
 \times 2 \\
 \hline
 36,00 \\
 + 6,00 \\
 \hline
 42,00 \\
 + 12,00 \\
 \hline
 54,00
 \end{array}$$

R: ELA RECEBEU DE TROCO R\$5,00.

Fonte: Arquivos da escola (2025).

Conforme a Figura 3 se observou que a atividade exigia da aluna várias operações, calculado corretamente os 2 metros de tecidos ($18 \times 2 = 36$), somou o valor do tecido com a linha ($36 + 6 = 42$) e finaliza adicionando o valor das fitas. Em relação à caligrafia, mantém o padrão de escrita em caixa alta e ao concluir corretamente o problema, observa-se que utiliza vírgula para representar os centavos o que demonstra conhecimento e uso do sistema monetário e decimal.



A Figura 4 ilustra a avaliação de Matemática da aluna no 3º trimestre, que descreve os conteúdos, competências, habilidades e os critérios de avaliação, finalizando com a avaliação do professor em relação ao progresso da aluna.

Figura 4. Avaliação de Matemática aplicada no 3º trimestre de 2025

CENTRO SINODAL DE ENSINO MÉDIO DOROTHEA SCHÄFKE

ADAPTAÇÃO CURRICULAR

Plano 3º trimestre

Exercício letivo de 2025

Nome do estudante: ~~XXXXXXXXXX~~

Nível: 2º ano EM

Turma: 221

Componente curricular: Matemática

Professor(a): ~~XXXXXXXXXXXXXXX~~

Unidade Temática	Objeto do conhecimento	Competência/habilidade	Gradação		
			A	A P	NA
Números Naturais (N)	Operações em (N), contagem, problemas de aplicação.	Identificar um número natural e suas operações em situações problemas.	x		
Números Racionais (Q)	Operações (adição e subtração) em (Q), ideia de fração (interpretação geométrica).	Identificar um número fracionário (interpretação geométrica) e operações de adição e subtração.		x	
Números decimais	Operações, contagem, problemas de aplicação.	Identificar um número decimal e suas operações em situações problemas.	x		
Geometria	Conceito de superfície de uma figura plana, perímetro.	Análise das relações de medidas, área e perímetro de um polígono plano.		x	
Sistema monetário	- Reconhecimento de cédulas e moedas e equivalência de valores.	Reconhecer e relacionar valores. Resolução de problemas práticos do dia a dia da aluna.	x		

Estatística/gráficos	- Interpretar e avaliar informações visuais (gráfico de colunas e setores, tabelas).	Analisar e interpretar dados identificando as informações e interpretando-as.		x	
Problemas/aplicação	- Problemas práticos contextualizando os conteúdos trabalhados.	Desenvolver a capacidade de analisar e interpretar os dados e suas operações e resolução.	x		

A= Atingiu; AP= Atingiu parcialmente, NA= Não atingiu

- Em relação ao terceiro trimestre, trabalhou-se os conteúdos dos trimestres anteriores, definido em planejamento, observando a ideia da aprendizagem em espiral (em alguns momentos apresentando as atividades com maior grau de dificuldades, já em outros momentos reduzindo essas dificuldades). Essa estratégia permitiu identificar, ao retomar os conteúdos, quais habilidades foram fixadas pela aula.

- Observou-se na avaliação sistemática (aplicadas pelo SAS e adaptadas para a Belinha pontuando os conteúdos abordados nos três trimestres) resultado satisfatório, o que se pode constatar que a aluna deu conta das atividades e estratégias metodológicas construídas e aplicadas durante o ano em matemática.

Observa-se, com maior frequência, certo des controle da aluna durante as aulas, principalmente no terceiro trimestre. Esse comportamento dificulta a sequência da aula e dos conteúdos definidos pelo SAS para o segundo ano do Ensino Médio. Esse des controle pode estar relacionado a rotina da escola, seis horas de aula (7:15 as 12:45) ou cansaço referente ao término do ano letivo.

Fonte: Arquivos da escola (2025).



O excerto apresentado na Figura 4 reflete um desempenho positivo na maioria das competências, apontando que a aluna atingiu objetivos, o que valida as estratégias construídas com os profissionais responsáveis e o professor. Tratando-se de momentos de descontrolado da aluna, principalmente, no 3º trimestre, fato esse associado ao quadro de TEA e TOD, acarretando cansaço devido à rotina exaustiva de 6 horas de aula causando um esgotamento na aluna. Diante disso, pode-se afirmar que os resultados da aluna foram satisfatórios, demonstrando que a aprendizagem em espiral permitiu a fixação das habilidades, tais como operações com decimais, análise de gráficos e tabelas e resolução de problemas.

Considerações finais

O presente relato buscou socializar a trajetória da aluna Belinha no componente curricular de Matemática e diagnosticada com TEA e TOD. O que se observou é que tais transtornos não se constituíram como um impedimento ao aprendizado, mas sim, como um indicador para a necessidade de estratégias pedagógicas acessíveis.

A transição para a autonomia, marcada pela retirada do professor auxiliar, revelou que a aluna é capaz de gerenciar seus processos cognitivos através de recursos visuais e estratégias específicas, individuais ou em grupos. A metodologia adotada, trabalhando os mesmos conteúdos em espiral, nos três trimestres letivos, mostrou-se eficaz ao permitir a consolidação de conceitos fundamentais, evidenciada em operações do sistema monetário e raciocínio combinatório.

Contudo, o esgotamento observado, no final do ano letivo, reforça que a inclusão plena exige um olhar atento, não apenas ao desempenho acadêmico, mas também à regulação emocional e à carga horária exaustiva, que impactam diretamente o comportamento de alunos com neurodiversidade.



Portanto, o relato confirma que a articulação entre a legislação inclusiva, o PEI e uma prática docente sensível e planejada, permite que o aluno com transtornos desenvolva seu potencial, transformando a sala de aula regular em um espaço de progresso real e humano.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA): DSM-5. Associação Americana de Psiquiatria. **DSM V** - Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. APA, 2013.

BRASIL. **Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência [recurso eletrônico]**: Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que institui a Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da pessoa com deficiência). Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. ([Link externo](#)) Acesso em: 20 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014.

NUNES, D. R. P.; AZEVEDO, M. Q. O.; SCHMIDT, C. Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 26, n. 47, p. 557–572, 2013. ([Link externo](#)) Acesso em: 20 fev. 2026.

SERRA, D. **Entre a esperança e o limite**: um estudo sobre a inclusão de alunos com autismo em classes regulares. 2008. 124 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ZARDO, S. P. Direito à educação: a inclusão de alunos com deficiência no ensino médio e a organização dos sistemas de ensino. 2012. 378 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília, 2012. ([Link externo](#)) Acesso em: 20 fev. 2026.